



ESCOLA: _____
PROFESSOR(A): _____
ENSINO MÉDIO SÉRIE/ANO: 1ª SÉRIE DATA: _____
ALUNO(A): _____
NOME INDÍGENA: _____

MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

“Um povo sem memórias é um povo sem história”.

Emília Viotti da Costa



Ancião conta histórias sobre seus ancestrais -
Divulgação / Governo do Tocantins

Desde seu aparecimento, a função da História é fornecer à sociedade uma explicação de suas origens. Do grego, *Historie*, significa procurar, investigar. Nessa busca, a essência da História como transformação (e seu processo formativo), bem como sua dimensão de análise, como o tempo e o espaço, integraram a palavra História em sua polissemia. Nessa polissemia, a História pode ser uma série de acontecimentos ou a narração dessa série de acontecimentos.

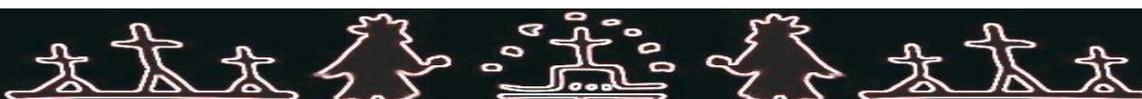
Para começarmos a pensar numa relação entre memória e história, também vale recorrer aos gregos. Para eles a memória era tão importante que recebeu um lugar

especial no panteão de seus deuses. Segundo o mito, Mnemósine, a deusa da memória, foi à quarta esposa de Zeus que gerou, dessa união, nove musas, entre elas, Clio, a História. Nesse sentido, poderíamos pensar que, para a produção da(s) História(s), torna-se indispensável recorrer à memória.

Memória

A memória é a matéria prima do historiador. É uma construção psíquica e intelectual que acarreta uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.

A história vivida de um lugar, de uma pessoa, um momento, um povo indígena, etc. pode transformar-se em um fundamento para o conhecimento do próprio cotidiano, onde a memória torna-se essencial para a ciência da mesma, podendo também, por decorrência de ações ou simplesmente por acaso, essa história ser dissolvida na lembrança, esquecida.





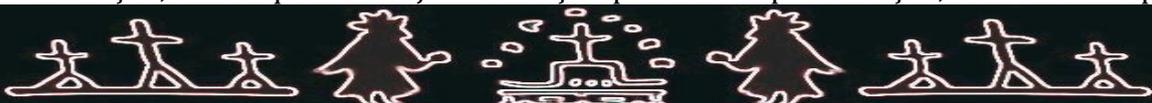
Os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs (1990) contribuíram definitivamente para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Para ele a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na composição das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que o autor denomina 'comunidade afetiva'.

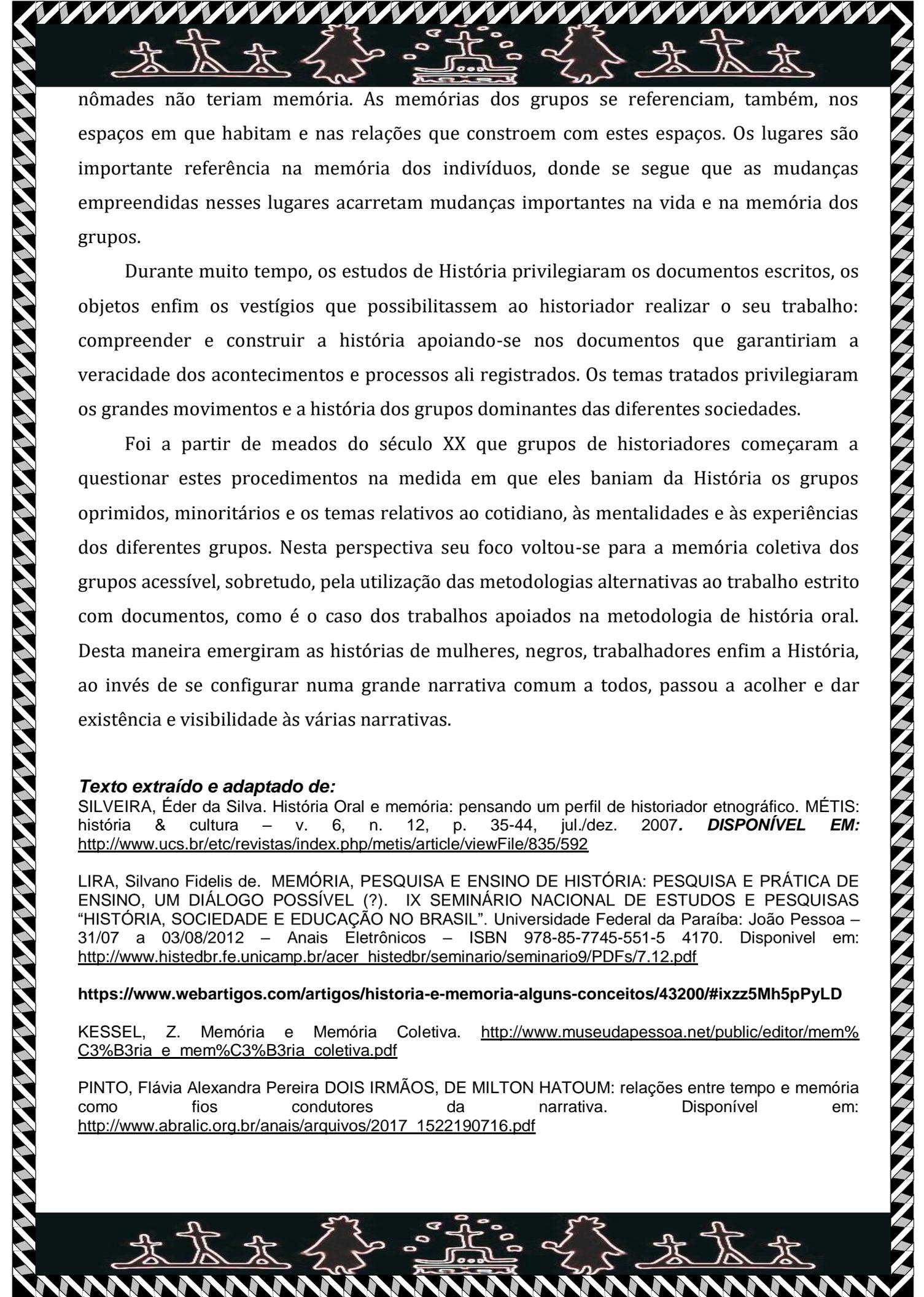
Esta memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo no campo simbólico.

A memória se modifica e se rearticula conforme posição que ocupo e as relações que estabeleço nos diferentes grupos de que participo. Também está submetida a questões inconscientes, como o afeto, a censura, entre outros. As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Um dos elementos mais importantes, que afirmam o caráter social da memória, é a linguagem. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem da linguagem. Ecléa Bosi afirma que a linguagem é o instrumento socializador da memória, pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho as lembranças e as experiências recentes.

A memória pode apresentar-se de forma documentada ou ainda adquirida através da oralidade, por meio de depoimentos, testemunhos, contos, entre outras modalidades. A transmissão oral da memória foi algo muito praticado até uma época relativamente recente. Ainda hoje há culturas indígenas, por exemplo, que transmitem suas tradições, credences, ensinamentos, etc. através da oralidade. Algumas vezes estes ensinamentos passam a ser escritos. A própria Bíblia é um exemplo dessa prática.

As memórias individual e coletiva têm nos lugares uma referência importante para a sua construção, ainda que não sejam condição para a sua preservação, do contrário povos





nômades não teriam memória. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços. Os lugares são importante referência na memória dos indivíduos, donde se segue que as mudanças empreendidas nesses lugares acarretam mudanças importantes na vida e na memória dos grupos.

Durante muito tempo, os estudos de História privilegiaram os documentos escritos, os objetos enfim os vestígios que possibilitassem ao historiador realizar o seu trabalho: compreender e construir a história apoiando-se nos documentos que garantiriam a veracidade dos acontecimentos e processos ali registrados. Os temas tratados privilegiaram os grandes movimentos e a história dos grupos dominantes das diferentes sociedades.

Foi a partir de meados do século XX que grupos de historiadores começaram a questionar estes procedimentos na medida em que eles baniam da História os grupos oprimidos, minoritários e os temas relativos ao cotidiano, às mentalidades e às experiências dos diferentes grupos. Nesta perspectiva seu foco voltou-se para a memória coletiva dos grupos acessível, sobretudo, pela utilização das metodologias alternativas ao trabalho estrito com documentos, como é o caso dos trabalhos apoiados na metodologia de história oral. Desta maneira emergiram as histórias de mulheres, negros, trabalhadores enfim a História, ao invés de se configurar numa grande narrativa comum a todos, passou a acolher e dar existência e visibilidade às várias narrativas.

Texto extraído e adaptado de:

SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. MÉTIS: história & cultura – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007. **DISPONÍVEL EM:** <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/835/592>

LIRA, Silvano Fidelis de. MEMÓRIA, PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA: PESQUISA E PRÁTICA DE ENSINO, UM DIÁLOGO POSSÍVEL (?). IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5 4170. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/7.12.pdf

<https://www.webartigos.com/artigos/historia-e-memoria-alguns-conceitos/43200/#ixzz5Mh5pPyLD>

KESSEL, Z. Memória e Memória Coletiva. http://www.museudapessoa.net/public/editor/mem%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_coletiva.pdf

PINTO, Flávia Alexandra Pereira DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM: relações entre tempo e memória como fios condutores da narrativa. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522190716.pdf

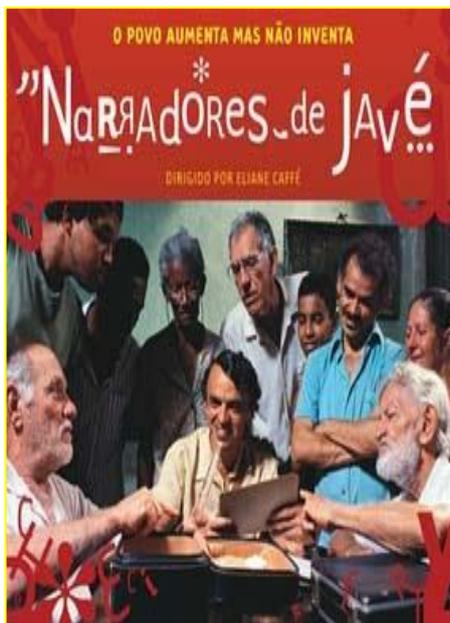


ATIVIDADE 01 – ENTENDENDO O TEXTO

- 01-Defina Memória.
- 02-Diferencie a memória individual da memória coletiva.
- 03-Explique a frase **“Um povo sem memórias é um povo sem história”**.
- 04-Qual a importância de registrar as memórias do seu povo?



ATIVIDADE 02



Assista o filme **“Narradores de Javé”** e em seguida escreva um texto explicando a sua relação com a temática **Memória e História Oral**.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>

